

“As Ruínas Circulares” no espelho

“O objetivo que o guiava não era impossível, ainda que sobrenatural. Queria sonhar um homem: queria sonhá-lo com integridade minuciosa e impô-lo à realidade.”

Jorge Luis Borges

Durante a aula sobre o texto: “O estadio do espelho como formador da função do eu”, ao ouvir a professora dizer que somos a imaginação, o sonho, o delírio de outro e o horror que isso trouxe a alguns alunos lembrei-me do conto “As Ruínas Circulares” de Jorge Luis Borges. Neste conto Borges mostra um mago com o dever de sonhar um homem. Ele deverá constituir um sujeito a partir de seus sonhos, a partir de sua imaginação.

A história inicia-se contando que um mago vinha de um lugar onde seu idioma zend não havia sido contaminado pelo grego. Dessa forma ele estava suscetível à imaginação, pronto para sonhar. Ao chegar às ruínas o mago “dormiu, não por fraqueza da carne, mas por determinação da vontade”. No princípio não temos linguagem, somos livres de significantes, somos apenas imaginário. Nos primeiros momentos de vida precisamos dormir para concluir o “inacabamento anatômico do sistema piramidal” (Lacan, 1949).

Como vimos em Lacan (1949) “antes de existir em si, por si e para si, a criança existe para e por outrem”. A criança é o receptáculo dos significantes de outros, apoia-se, refugia-se na mãe e, posteriormente, em seu ambiente para se entender como objeto, para se constituir como sujeito. Em Borges vemos um homem que sabe que as ruínas é o local de sua segurança para sonhar um homem. No entanto, próximo a elas existem outros homens que lhe oferecem comida e expectativas que o ajuda, amedronta e fazem-no buscar abrigo novamente na ruína.

“Por volta da meia-noite, despertou-o o grito inconsolável de um pássaro. Rastros de pés descalços, alguns figos e um cântaro advertiram-no de que os homens da região haviam espiado respeitosos seu sonho e solicitavam-lhe o cuidado ou temiam-lhe a mágica. Sentiu o frio do medo e na muralha dilapidada buscou um nicho sepulcral e se tapou com folhas desconhecidas.”

“O arroz e as frutas de seu tributo eram pábulo suficiente para seu corpo, consagrado à única tarefa de dormir e sonhar.”

O mago queria sonhar um homem com “integridade minuciosa e impô-lo à realidade”. “No começo, eram caóticos os sonhos; pouco depois, foram de natureza dialética”. Esse esforço esgotava-lhe por inteiro.

No início da tarefa de sonhar um homem o mago escolhe uma imagem pronta dentre todas as disponíveis em um anfiteatro com “nuvens de alunos taciturnos”: “uma tarde ... licenciou para sempre o vasto colégio ilusório e ficou com um só aluno”. Nesse momento há o reconhecimento do outro, a distinção entre o eu e o outro, quando a criança percebe que é um objeto dependente de outro objeto escolhendo este como sua primeira identificação. Quando escolhe um homem no auditório, se identifica com ele, encontra o conhecimento paranoico, coloca no outro o potencial de conhecedor, vê no escolhido “um rapaz taciturno, melancólico, as vezes indócil, de traços afilados que repetiam os de seu sonhador”.

No entanto, vimos que o sujeito é onde não pensa, diferentemente da filosofia do cogito que situa o sujeito no momento em que ele pensa. O sujeito é movido por seu inconsciente, pelo que não sabe que é, não por suas projeções e elaborações. Vemos neste estágio que ao encontrar o espelho o sujeito tem uma imagem constituída em seu inconsciente, tem um eu virtual, tendo que alocar o ser idealizado ao ser refletido, tendo que não ser o outro para ser a imagem especular. Esta aceitação não é sem angústia. “Contudo, sobreveio a catástrofe” e o mago “compreendeu que o empenho de modelar a matéria incoerente e vertiginosa de que se compõem os sonhos é o mais árduo que pode empreender um homem”. O homem sonhado pelo mago não atendia seus anseios, não o representava.

Diante da decepção o mago recomeça o sonho, sonhando cada órgão, cada parte do homem. A criança dependerá da libidinização de sua imagem, constituindo cada parte uma parte de desejo do outro, essa construção não é sem temer o despedaçamento do próprio corpo. Além da libidinização do corpo, que dependerá do outro, a reparação da confusão será reparada com o afastamento do duplo imaginário e aceitação do simbólico. O sujeito precisará se desprender da “captação imaginária para dar lugar a apreensão simbólica do que não pode se refletir”, assim diminuirá a ansiedade causada pelo duplo.

Após um tempo estava pronto o homem sonhado. No entanto, “este não se incorporava nem falava, nem podia abrir os olhos”, “tão inábil e tosco e elementar como esse Adão de pó era o Adão de sonho que as noites do mago tinham fabricado”. Diante desta inabilidade do sonho o mago deseja destruí-lo. Em Lacan vemos que a incapacidade motora não distancia o espelho que vem com apoio do outro. Esta incapacidade percebida na “antecipação” de uma imagem imaginada e desmentida,

retoma o corpo despedaçado até sua aceitação como simbólico, chamada de forma ortopédica. No encontro da “matriz simbólica” o apoio do outro é superado e buscado posteriormente, para confirmar se aquela coisa no espelho é ela. O outro agora não é mais o sujeito, mas sim quem lhe emprestará o desejo para simbolizar a imago.

Borges nos apresenta no conto que diante da frustração o mago recorre ao Deus Fogo:

“esgotados os votos aos numes da terra e do rio, arrojou-se aos pés da efígie que talvez fosse um tigre e talvez um potro, e implorou seu desconhecido socorro. Nesse crepúsculo, sonhou com a estátua. Sonhou-a viva, trêmula: não era um atroz bastardo de tigre e potro, mas simultaneamente essas duas criaturas veementes e também um touro, uma rosa, uma tempestade.”

Esse ser múltiplo e maravilhoso daria vitalidade ao sonho, daria um propósito que o tornaria um sujeito e somente o mago e o próprio Deus não esqueceriam que o homem era um sonho, os demais homens o considerariam “homem de carne e osso”. No entanto, o Fogo impôs uma condição: o homem deveria ser enviado “ao outro templo destroçado, cujas pirâmides persistem a jusante, para que alguma voz o glorificasse naquele edifício deserto”.

O mago aceita o acordo e continua seu trabalho na construção do homem, “gradualmente, foi habituando-o à realidade. Uma vez lhe ordenou que pusesse uma bandeira num pico distante. No dia seguinte, a bandeira flamejava no cume. Ensaiou outros experimentos análogos, cada vez mais ousados”.

A procura pelo outro não é apenas a busca da confirmação de que a imagem refere-se ao sujeito, mas também a dependência do desejo do outro pela confirmação de que a imagem é capaz de despertar interesse. Essa atenção marca a função social do eu. Quando o mago ganha o propósito, ganha a expectativa do outro, ganha a crença de que aquele sujeito é passível de conquistas. No entanto, a graça da vida dada ao homem traz ao mago o medo da separação de sua criação.

O estágio do espelho não é a separação do imaginário e simbólico, pois estes não são diacrônicos, são intrincados numa dinâmica constituinte, fazem o sujeito jogar até alcançar o próprio significante corpóreo, regulando o eu ideal “isso em função do modelo onipotente do ideal do eu, a que o sujeito e o outro se encontram ambos sujeitos” (Kaufmann 1993).

O mago, num acordo com o Deus Fogo, lança seu homem ao mundo social, simbólico. O mago e seu sonho se separam e o último não se lembrará dessa construção, enquanto o primeiro continua como se estivesse alimentando o homem com o esgotamento de sua alma. Ficou sabendo que seu filho realizava feitos com bravura. “O

falasser adora seu corpo, porque crê que o tem” (Lacan 1976). Na afirmação: “esse corpo é meu”, vemos um significante do sujeito que segundo Lacan é a única consistência que se tem.

O mago temeu que seu filho descobrisse que era um simulacro, “não ser um homem, ser a projeção do sonho de outro homem, que humilhação incomparável, que vertigem”. Então o mago entende sua falsa razão. Com as ruínas tomadas pelo fogo pensa em refugiar-se na água, mas decide descansar com a morte indo de encontro ao fogo. No entanto, este acariciou sua pele. “Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que ele também era uma aparência, que outro o estava sonhando”.

O desconhecimento que existe no princípio da constituição do eu é causa de surpresa no sujeito ao entender que trata-se da imaginação do outro.

“A função do estadio do espelho é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (Lacan 1949). Neste momento o mago aceita que é a imaginação do outro. Ele se lança no fogo, vai de encontro ao Deus todo poderoso também conhecedor de sua origem, este desejo de não ser, de suicídio, comparo a disposição para conhecer-se, para entender que é uma imaginação. Lança-se no fogo para por a prova seu ideal do eu, testa lançando-se ao que tudo sabe para saber se é o ideal do eu, lança-se, novamente, ao conhecimento psicótico.

O sujeito não cessará de pedir explicação àquele outro a quem dirigiu o primeiro olhar. E diante de uma análise chegará a conclusão de que ele é isso e não há um ideal do eu possível. Então o mago encontra o fogo e entende o “tu és isso”.

Esse conto elucidou o espanto causado na aula, durante a explanação do presente assunto. No entanto, esse terrível conhecimento, não podemos deixar de reconhecer, traz liberdade, pois muito do que somos é o outro, podemos procurar o que realmente desejamos, nosso significante que não deixa de ser o significante do outro.

Referências

BORGES, Jorge Luis. **FICÇÕES**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pag. 46 a 52

KAUFMANN, Pierre. **DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE: O LEGADO DE FREUD E LACAN**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. pag 157 à 161.

LACAN, Jacques. **ESCRITOS**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. pag. 93 a 103 e 653 a 691.

Cristiane Garcia Miguel

Ciclo II – 4ª feira noite – 2º semestre 2014

22/10/2014